

O AMBIENTE ACADÊMICO COMO FONTE DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA

GERALDINA PORTO WITTER

A produção científica tem um produtor e um consumidor e, evidentemente, todo produtor é também um consumidor: quanto melhor consumidor ele for, melhor será como produtor. Há pesquisas em psicologia que mostram bem isso. O produtor atua dentro de uma instituição e as variáveis institucionais o afetam, mas dentro desse ambiente, ele encontra um consumidor especial: o consumidor par, que seria o colégio invisível também, embora muito pouco organizado no ambiente universitário. Um dos nossos problemas é que muitas vezes não sabemos o que o colega da sala ao lado está pesquisando. Não temos suficiente intercomunicação entre consumidores de uma mesma instituição. Mesmo em nível de mestrado e doutorado, o aluno não sabe o que o colega está pesquisando, às vezes não se dá ao trabalho de fazer isso, o que quer dizer que ele não é um bom consumidor. Esse ambiente tem uma cultura de ciência construída pelos consumidores e produtores da instituição. Somos responsáveis, em grande parte, se as nossas universidades ainda não têm essa cultura. Estaríamos prontos para construí-la?

Consumidor e produtor devem estar

envoltos numa cultura científica. O século XX é o século da ciência. Todo avanço tem por trás o conhecimento científico. Porém, em alguns países, esse contexto está muito mais estabelecido que em outros e, com isso, temos condições de ter melhores consumidores de ciência. Além disso, há todas as variáveis socioeconômicas e culturais que influem tanto no consumidor quanto nesse contexto e assim por diante. Estamos apenas aprendendo a ser consumidores de [produtos] comerciais. Como consumidores de ciência, não temos formação.

A universidade e o produtor são responsáveis pela formação dos consumidores: não devem só passar o produto, mas formar o consumidor. Na Alemanha, Canadá, Estados Unidos, Austrália, o consumidor começa a constituir-se a partir da pré-escola. É no âmbito da família que ele aprende a ter atitudes científicas, olhar de maneira metodológica, objetiva, reconstruindo a realidade. No exterior, as famílias são treinadas a criar esse contexto de alfabetização científica, dentro do qual está o contexto de alfabetização numérica que vai dar mais tarde a base para o aprendizado de estatística. Não temos isso na grande maioria dos

países, não em nível institucional. O produtor que está na universidade tem que cuidar disso, tem que pesquisar como formar o consumidor na sua área de conhecimento.

Nós temos que formar nosso produtor-aluno e consumidor-aluno. Muitas vezes nos limitamos a repassar informações: esse não é o papel do professor. Na realidade, o professor universitário, como qualquer profissional, tem que ser um produtor e como tal ser um consumidor de excelência da informação. Não só alunos de biblioteconomia devem ser pesquisadores; qualquer bibliotecário em qualquer lugar deve atuar como pesquisador. Isso implica que ele aprenda a ser consumidor e, pelo menos, [a fazer] um mínimo de pesquisa, porque como educador ele tem o papel de ensinar pesquisa (e não o recorte de textos) à pessoa que vai à biblioteca; ele não pode continuar passando uma imagem distorcida de ciência e dando ao [usuário] uma visão errada do que é pesquisar, especialmente se é um bibliotecário que trabalhe em escola.

No ambiente acadêmico, há variáveis internas e externas que influem na produção científica. A primeira é a alfabetização para a ciência que deve ocorrer dentro da universidade em níveis diferentes, mas que deve influir na alfabetização externa, [área] na qual não estamos fazendo praticamente nada no país, exceto por algumas pesquisas feitas por alunos de pós-graduação em psicologia, que se preocupam em testar alguma técnica, por exemplo, de alfabetização de pré-escolares ou alunos de primeiro grau em fazer pesquisa. Outra variável

é a ciência na sociedade: como a ciência é vista na sociedade? Qual o espaço que a ciência ocupa na mídia? Isso forma um “caldo cultural” para que haja condição de aceitação da informação científica e da sua utilização. A influência da universidade sobre isso ainda é pequena no Brasil: os bons jornais publicam seções científicas, muitas vezes com pessoas que sabem fazer isso. Infelizmente, o jornal quer notícias de ciência que sejam as mais sensacionalistas e nem sempre é isso o que o cotidiano das pessoas está pedindo.

Outra variável são as condições materiais e financeiras, que vão depender da área ou disciplina em que se trabalha, das agências financiadoras internas e externas e da política de distribuição de verbas do país e da instituição. Em várias instituições brasileiras, já existem fundos de pesquisa. Por exemplo, na PUC [Pontifícia Universidade Católica], há um organismo que funciona no estilo da FAPESP [Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo]: o projeto é avaliado e implementado de acordo com a verba que recebe. Mas, nem toda universidade brasileira tem verbas destinadas especificamente para pesquisa. Algumas disciplinas têm mais facilidade dentro da instituição. É notório desde os anos 1930 que as chamadas ciências pesadas têm sempre mais verba, não só nas agências como nas próprias instituições, até porque politicamente acabam tendo mais força nos vários estamentos de tomada de decisão.

Espera-se que as instituições tenham uma política de pesquisa. Quando se pensa em instituição, pensa-se na universidade e também

em cada unidade, em cada departamento e em cada pessoa. Cada um de nós tem que ter um plano estratégico definido. O conjunto de pessoas que se reúnem no departamento deve definir uma política departamental para a formação do seu pesquisador, atualização do seu produtor e como se vai pesquisar, de modo a garantir a criação de conhecimento nas áreas em que tem responsabilidade. Muitas vezes encontramos linhas filosóficas, mas não estratégias e políticas definidas, ficando-se no discurso, sem condições de operacionalizá-las.

A influência do acaso é muito importante dentro das universidades e, às vezes, leva-nos a pesquisar um dado assunto. Isso depende essencialmente do pesquisador. A sala de aula é um laboratório de pesquisa: o professor não só deve levar suas pesquisas à sala de aula, mas também as dos orientandos e dos bolsistas de iniciação científica. Mais que tudo, o aluno tem que aprender a pesquisar: senão, como vamos ter o profissional-pesquisador? A grande maioria de nós não vai chegar à pós-graduação porque esta é hiperelitizada. A universidade tem que formar o pesquisador na graduação para que ele saia com condições mínimas para pesquisar e ensinar a pesquisar.

A teoria se constrói aos poucos a partir da pesquisa, e a biblioteconomia é uma área interdisciplinar por excelência, fusão de várias áreas. Com o tempo, essa fusão deverá fomentar uma nova teorização que vamos contruindo na medida em que tivermos mais pesquisa. As divisões que fazemos na teoria devem sumir. Como as ciências irão se unificar internamente,

também entre ciências a tendência para o próximo milênio é de unificação. A interdisciplinaridade, a integração das áreas de conhecimento é uma realidade e não estamos nos esforçando para conseguir estratégias políticas e metodológicas para alcançar a unificação. A biblioteconomia é privilegiada e permite um trabalho interdisciplinar e integrado. Somos corporativistas e esquecemos que, em todas as ciências, o esforço é nesse sentido, e temos que pensar adiante, porque estamos formando hoje o pessoal que vai trabalhar no século que vem e não podemos continuar trabalhando como antes.

A questão da ética em pesquisa tem [aparecido] em vários problemas no país. A formação que damos na graduação e na pós-graduação tem que ver a pesquisa dentro de um contexto ético, porque isso afeta inclusive a imagem da ciência no caldo cultural da sociedade. A ética tem que ser trabalhada com o aluno desde o primeiro ano e temos que aplicar o código de ética no nosso comportamento. Outra variável que influi muito [na pesquisa] é a questão da relevância. Temos freqüentemente em todas as áreas de conhecimento a questão da moda, como a automação de bibliotecas.

Dentro das instituições deve haver um sistema de avaliação. Em algumas universidades e empresas existem sistemas de avaliação claramente estabelecidos: apreciação da produção interna. Temos que publicar para ter a apreciação dos pares. Quando esses sistemas são bem organizados e funcionam, há um aumento muito grande da produtividade. Por outro lado, a universidade tem que dar condições para a

pesquisa: quando se quer avaliar, tem que haver condições para a produção.

A mais importante variável é o pesquisador. No ambiente da universidade, a biblioteca é uma peça fundamental. O bibliotecário deve ter uma habilidade muito grande de pesquisa: deve poder auxiliar o pesquisador até para discutir seus hábitos, fontes de referência, quais bases de dados é melhor. Um par para o pesquisador na biblioteca. Se fazemos e divulgamos pesquisa, temos condições de criar o caldo cultural. Se fazemos pesquisa e [não divulgamos], não criamos o caldo cultural na unidade que trabalhamos. Temos que desenvolver estratégias para divulgar a pesquisa na unidade, criando um momento em que alunos e professores apresentem suas pesquisas e discutam.

Mesmo sem dinheiro, é sempre possível fazer pesquisa. [Por exemplo]: a técnica da entrevista pode ser usada para ensinar indexação e qual sua eficiência? Faz-se um plano com alunos para entrevistar indexadores sobre problemas de indexação, usando isso como estratégia em sala de aula. Em quinze dias, pode-se ter dados para uma pesquisa. Essa é a atitude que esperamos que o professor-profissional-pesquisador tenha em sala de aula.

Todo departamento, tenha ou não pós-graduação, tem que definir linhas de pesquisa: em que vai investir nos próximos cinco anos, para que os professores façam teses que se encaixem nessa linha — se cada um fizer uma coisa, nem em vinte anos vamos ter massa crítica capaz de reunir professores para formar uma linha de pesquisa. É importante também a carreira,

problema que encontramos nas universidades particulares, onde, na maioria delas, não há carreira estabelecida. A carreira tem que ser vinculada à produção do conhecimento e a extensão tem que manter a sua origem — esta surgiu no século passado na Inglaterra para criar campos de pesquisa; no Brasil, ela passou a ser um campo de caridade. O estágio deve ser vinculado à produção de conhecimento: todo profissional tem que aprender e ter, pelo menos, atitude como pesquisador, mas o ideal é que ele produza conhecimento e de bom nível.

Outra variável é a existência de periódicos e de cursos de pós-graduação. As pesquisas no Brasil e no exterior mostram que quando há um curso de pós-graduação há o efeito cascata: esta estimula a graduação a produzir, mas nem sempre isso ocorre, porque há um distanciamento entre os dois lados. Por que não usar o aluno de pós para ajudar [os professores] na iniciação científica? É preciso também escolher muito bem a pessoa que vai administrar a pesquisa na universidade, porque alguém que não é pesquisador não vai valorizar a pesquisa: administrar ciência é administrar recursos humanos e criar condições de qualificá-los. É preciso ter, ainda, recursos auxiliares e quem melhor que os alunos para serem envolvidos em uma pesquisa? Eles aprendem muito mais na atividade de pesquisa com o professor. Assim, teríamos que pensar como poderemos formar melhor esses recursos humanos. Isso implica que as universidades têm que planejar eventos facilitadores dessas atividades.

Há também a questão do sistema de avaliação e recompensa de cada universidade. A

primeira recompensa da pesquisa é a satisfação que temos: não há nada que pague o prazer de conhecer. Mas a universidade tem que ter estratégias de valorização da pesquisa. Algumas delas dão prêmios, como a Unicamp, que oferece um salário extra para o professor que mais pesquisou numa área por um ano. Promoção, aumento de salário correspondente à produção científica: há muitas estratégias que são usadas no exterior e que precisaríamos usar aqui também. A produção científica depende muito da curiosidade do pesquisador e da sua capacidade de passar da idéia para a ação. Uma pessoa que se dispõe a ser professor tem que ter curiosidade pelo conhecimento: tem que ser curioso e criativo, não só na produção de conhecimento, mas também na aula, usando e criando estratégias novas de ensino.

(1) Professora da PUCCAMP.